

Cartas sobre o Movimento Revolucionário na Rússia dirigidas ao Cidadão Liebknecht, Editor-Chefe do *Volksstaat*¹

8 de abril de 1870

Suíça, Genebra

Cidadão Liebknecht,

Começo por agradecer-lhe pela reprodução do meu Apelo aos jovens russos e da carta dirigida pelo meu compatriota Netchaiev à redação de *La Marseillaise*, em seu estimado jornal, e agradeço-lhe ainda mais por sua apreciação simpática do movimento revolucionário que se produz atualmente na Rússia.

Esta simpatia, vinda da Alemanha, é um fato novo para nós. Por muitos anos não encontramos em seu país nada além de antipatia e desconfiança. Sem mencionar as calúnias miseráveis com que quiseram oprimir as pessoas que representam este movimento no exterior, calúnias às quais infelizmente terei que voltar em uma destas cartas, eu devo observar que os publicitários que representam o liberalismo, o radicalismo e mesmo o socialismo burguês na Alemanha, não se contentaram em atacar o governo russo e o Império de todas as Rússias, coisas que nós, revolucionários russos, detestamos com uma intensidade de ódio da qual os democratas alemães nunca podem se aproximar; não, eles atacaram todo o povo russo, o que não foi nem razoável, nem justo, nem mesmo muito inteligente de sua parte. Segundo o provérbio que diz que quem prova demais, não prova nada, eles foram além do objetivo que queriam alcançar, manifestando diante do público muito ódio cego e irrefletido, um viés preconceituoso e muita ignorância.

Como é que os alemães, que têm uma tão grande reputação de ciência e de consciência, e que se tornaram famosos especialmente por sua capacidade verdadeiramente notável de compreender as coisas dos homens em sua realidade real e viva, ou, se Você quiser evitar esta expressão um tanto metafísica, em sua verdade objetiva, como é que quando começam a falar dos russos e da Rússia, perdem todas aquelas qualidades eminentes que distinguem sua nação e, ao contrário, exibem, na maioria das vezes, todos os defeitos de caráter, inteligência e coração de que são capazes?

Ah! É porque estamos muito próximos e há um século e meio não deixamos de exercer uma influência funesta uns sobre os outros.

¹ **Fonte:** CD-ROM Bakounine: Ouvres Completes, IHS de Amsterdã, 2000. **Tradução ao português:** Luciana Ribeiro de Brito, membra do Conselho Editorial do Projeto Obras Completas Mikhail Bakunin.

Não se surpreenda, cidadão Liebknecht, que eu falo de uma influência funesta mútua, e não apenas da influência maligna que o Império da Rússia sempre exerceu sobre a Alemanha.

Você provavelmente sabe que a Rússia foi civilizada em grande parte pelos alemães, mas você sabe também que na civilização alemã existem três partes distintas e absolutamente separadas. A primeira, diante da qual nos curvamos com profundo respeito e ardente simpatia, é o seu mundo ideal, sua ciência e sua arte humanitária, um mundo que, embora criado na Alemanha, nunca foi realizado na Alemanha e que paira sobre sua triste realidade, burguesa e governamental, como um belo sonho.

Em contraste com este mundo de ideais humanos, vocês têm seu mundo oficial: o mundo muito real, muito brutal de seus príncipes, sua nobreza, seu clero tão servil, seu exército e sua burocracia. Este mundo, você sabe melhor que eu, Cidadão Liebknecht, não tem nada a ver com a humanidade, nem com sua ciência, nem com sua arte, nem com nada que constitua a glória imperecível do povo alemão. Ele é a negação estúpida, arrogante e cínica de tudo isso. Ele não conhece outro culto senão o da Autoridade e não representa nada além da força brutal do Príncipe ou, se preferir, em outras palavras, do Estado, organizado com todo o pedantismo, tanto consciente como servil, do funcionalismo alemão.

Entre estes dois mundos extremos, há o ventre, ou seja, o mundo burguês. A burguesia alemã é um corpo respeitável, que combina muitas virtudes domésticas com grande covardia política. Estando no meio entre o mundo ideal e o mundo oficial que se excluem mutuamente, aspira eternamente ao primeiro, sem jamais alcançá-lo, e protesta continuamente contra o segundo, sem jamais poder, e eu acrescentaria, sem querer mesmo se separar dele. É um mundo liberal e até mesmo muito democrático em seus sonhos, mas que na realidade permanece sempre o sujeito muito humilde e a própria vítima resignada de seu Príncipe, sua nobreza, seu exército, sua burocracia, do Estado.

Hoje existe um quarto mundo que finalmente ascende na Alemanha. É o mundo da Democracia Socialista, o mundo do trabalho e dos trabalhadores; é o mundo de amanhã. Ela realizará na Alemanha, como em todos os outros países, o que a burguesia nunca soube senão sonhar: humanidade, justiça e a liberdade integral de cada um na completa igualdade de todos.

De todos esses mundos que compõem a civilização alemã, apenas dois exerceram qualquer influência na Rússia: o mundo ideal e o mundo oficial. O mundo dos trabalhadores, sendo completamente novo e datando de hoje mesmo, ainda não teve tempo de empurrar sua ação para o Oriente; enquanto o mundo da burguesia alemã é tão oposto por sua natureza e moral ao caráter nacional do povo russo, que nunca foi capaz de exercer a mínima influência sobre ele.

Por outro lado, a ação de seu mundo ideal sobre nossa juventude universitária foi imensa. Desde Lomonosoff, que consideramos o pai da literatura e da ciência russa e que estudou na Alemanha, na segunda metade do século XVIII, sob os auspícios de Wolff, o continuador e trivializador do sistema filosófico de Leibnitz, até hoje, e especialmente durante os trinta anos de escravidão silenciosa que suportamos sob o cetro de ferro do Imperador Nicolau, a ciência, a metafísica, a poesia e a música da Alemanha têm sido nosso refúgio e nosso único consolo. Nós nos fechamos neste mundo mágico dos sonhos humanos mais belos, e vivemos nele muito mais do que na terrível realidade que nos

rodeava e que, de acordo com o preceito de nossos grandes mestres alemães, nos esforçamos de abstrair. Eu que escrevo estas linhas para você, ainda me lembro da época, quando, como um fanático hegeliano, acreditava carregar o absoluto no bolso, considerando, do topo desta suprema verdade, o mundo inteiro com desdém.

A geração atual, mais sábia do que nós, não está mais ocupada com a metafísica. Ela não quer ouvir falar sobre o bom Deus da teologia, nem sobre o Ser abstrato e supremo dos metafísicos. Inimiga de todo despotismo, ela adere de todo coração à degeneração do mestre celestial proclamada pelo ateísmo antigo e moderno. Ela também despreza sua ciência jurídica, que considera, com muita razão, como a metafísica da iniquidade e como a negação do direito humano, e rejeita com o mesmo desdém sua ciência econômica, política, histórica, na medida em que ela é fundada sobre a jurisprudência e a metafísica;

Por outro lado, adotou apaixonadamente as ideias apresentadas por Auguste Comte e Buckle sobre a necessidade de fundar todas as ciências históricas com base na ciência da natureza, bem como as ideias não menos frutíferas de Darwin sobre o desenvolvimento e transformação das espécies. Ela adora Feuerbach, aquele grande demolidor da (metafísica) filosofia transcendental. Os nomes de Büchner, Vogt, Moleschott, Schiff e tantos outros líderes ilustres da escola realista na Alemanha, são talvez mais populares entre nossos estudantes russos do que entre os filhos da burguesia que estudam e passam sua juventude em vossas universidades. Assim que uma obra de ciência positiva aparece na Alemanha, Inglaterra ou França, ele é imediatamente traduzido e retraduzido, lido e relido na Rússia. O mesmo acontece com todos os trabalhos da escola socialista moderna. As obras de Proudhon, Marx, Lassalle, são pelo menos tão populares na Rússia quanto em seus próprios países...

Digo isto com alegria, com orgulho: Nossa juventude russa - estou falando, naturalmente, da maioria - é apaixonadamente realista e materialista em todas as suas teorias, mas, ao mesmo tempo, é idealista na prática, no sentido de que busca a verdade com uma paixão tão ardente que a faz suportar com indiferença as mais duras privações, muitas vezes a falta de roupas necessárias, fome e frio, e que por ela, o triunfo dos grandes princípios igualitários, que constituem hoje toda sua religião, vai além de todas as considerações de carreira, posição e pessoas. Seus impulsos juvenis não são paralisados por aqueles cálculos do futuro que esfriam o sangue nas veias de seus estudantes alemães, e que, somente nos heróis mais ruidosos e contundentes de suas universidades, se olharmos bem, podemos encontrar as sementes dos filisteus e dos súditos pacíficos e submissos de amanhã. Ela também não gasta, como a juventude burguesa de Paris, sua energia e seiva em bailes públicos. Saída em grande parte do povo, e continuando a ser do povo por sua miséria, pelo menos a maioria de nossos jovens estudantes leva uma existência acética; eles sofrem, estudam e conspiram...

É graças a este idealismo prático que a alma, que ela é capaz, neste momento, de se dedicar inteiramente à grande causa da emancipação do povo.

Este idealismo é produzido por duas causas. A causa principal, sem dúvida, é precisamente esta condição miserável, esta pobreza salutar de nossa juventude, que vê não só seu presente, mas todo seu futuro condenado pela organização política, econômica e social do Império.

Somos ambos socialistas o bastante - não somos nós, cidadão Liebkecht? - Para saber que as posições exercem uma ação todo-poderosa sobre o caráter e sobre as

tendências teóricas e práticas dos indivíduos. Também muito menos sanguinários que os homens de Estado de todas as cores, reacionários ou jacobinos, exigimos que na revolução universal e social que se aproxima rapidamente, destruamos, com uma consequência radical, os Estados, as posições privilegiadas e as relações jurídicas que existem hoje entre os homens e as coisas, não os homens. Estamos convencidos, não estamos? que se cem mil ou mais cabeças fossem cortadas, de acordo com a receita de Marat, e de acordo com a prática muito mais modesta e tímida de Robespierre e St. Just, não ganharíamos absolutamente nada. Enquanto que se transformarmos ousada e completamente a organização econômica da sociedade, removendo, sem dúvida, com toda a energia que se tornará necessária, os obstáculos que se opõem a esta transformação salutar da injustiça social atual para a justiça, criaremos um novo mundo.

Voltando à juventude russa, observo que a grande maioria dos estudantes de nossas universidades, ginásios, academias e seminários se encontra na feliz situação de não ter absolutamente nenhuma carreira, nenhum meio seguro de existência diante deles, o que significa que, acima de tudo, eles são revolucionários por posição, e esta é, segundo minha profunda convicção, a maneira mais séria e real de ser revolucionário. Mas me apresso a acrescentar que nossa juventude não é apenas revolucionária por posição, ela também é revolucionária por ardente e profunda convicção. E nada contribuiu tanto para formar neles esta convicção ou esta consciência revolucionária que a ciência alemã.

Isto pode surpreendê-lo, cidadão Liebknecht, mas é assim. Isso pode surpreendê-lo, porque esta ciência ocidental, que impulsiona nossa juventude à revolução social, produz muitas vezes o efeito oposto sobre a juventude universitária do Ocidente. Ela aí transforma muitos jovens, não em socialistas revolucionários, mas em doutrinários ou sacerdotes da ciência, formando uma casta à parte: a aristocracia da inteligência. Os membros desta casta geralmente têm um coração cheio de desprezo pelas massas populares; eles os desprezam por sua ignorância, eles, os homens da ciência, do conhecimento científico, e mesmo que se chamem socialistas e revolucionários, eles são de cima, não de baixo. Eles acreditam que são chamados a estabelecer a justiça, mas não acreditam que o povo possa conquistá-la e organizá-la por si mesmo. Por consequência, de uma forma ou de outra, eles sonham com a ditadura ou ainda o Estado autoproclamado operário, que é mais uma maneira, para estas crianças da burguesia e para estas pessoas privilegiadas da inteligência, de governar o povo. Pois se restar algum tipo de Estado, haverá necessariamente a necessidade de homens de Estado, e se formará, por uma consequência infalível, uma classe de Estado.

Também temos na Rússia, embora em muito menor grau, nossa juventude doutrinária. E as causas que a tornam doutrinária são exatamente as mesmas que conferem esse caráter exclusivo à grande maioria de sua juventude burguesa: uma posição privilegiada, a possibilidade e a esperança de uma carreira. Para querer acima de tudo e mais que tudo a emancipação do povo, é necessário ser solidário com o sofrimento do povo.

Esta é precisamente a posição afortunada onde se encontra a imensa maioria de nossos jovens estudantes na Rússia. Em um discurso que fiz há cerca de um ano e meio no Congresso da Paz e da Liberdade em Berna, eu disse que havia mais de quarenta mil jovens no país, absolutamente deslocados e incapazes de encontrar qualquer outra saída para sua atual miséria do que a revolução. Não é natural, então, que sua ciência, que teoricamente leva à negação de toda autoridade, divina e humana, e ao estabelecimento

da igualdade no mundo social, empurre nossa juventude, revolucionária por posição e convicção, além das discussões teóricas, para a ação?

Você pode ver, cidadão Liebnecht, que longe de querer negar os benefícios que devemos à ciência alemã, nós nos curvamos diante dela com profundo respeito. Em minha segunda carta, se me permitir, eu lhe falarei sobre a influência maligna que seu mundo oficial exerceu sobre a Rússia.

M. Bakunin